

PAULO RENATO DA SILVA, MARIO AYALA  
FABRICIO PEREIRA DA SILVA , FERNANDO JOSÉ MARTINS  
(COMPILADORES)

# **LUTAS, EXPERIÊNCIAS E DEBATES NA AMÉRICA LATINA**

**Anais das IV Jornadas Internacionais de Problemas Latino-Americanos**

**Foz do Iguaçu**  
**Imago Mundi / PPG - IELA UNILA**  
**2015**

## **As contribuições de Antonio Gramsci para a formação do educador**

Rafael Vicente de Moraes (IFMS, rafael.moraes@ifms.edu.br)

**Resumo:** Os princípios que constituem a realidade não são uma 'teoria' historicamente pensada, mas um 'real aparente' que refrata parte dessa totalidade representada por grupos específicos. No bojo das relações societárias determinadas pelo modo de produção que o homem se faz homem enquanto determinado e determinante dessas mesmas relações. Assim, o propósito do texto é discutir o pensamento educacional gramsciano a partir da crítica que se estabelece ao sistema escolar italiano porque reproduz as desigualdades sociais. A escola articula subjetividade e objetivação, entendidas não como duas esferas contrárias, mas como relações dialéticas que estabelecem o objeto enquanto fruto da atividade subjetiva. A escola unitária é entendida enquanto construção coletiva do espaço de sociabilidade calcada na participação consciente de todos na gestão da sociedade. Expressa a capacidade conquistada pelas classes subalternas de se apropriarem dos bens socialmente criados e de ativarem as potencialidades de emancipação humana. A escola unitária é convocada para desempenhar um papel mais amplo que combina a educação humanista tradicional com a educação técnica potencializando o indivíduo para o exercício efetivo de qualquer função, seja ela de operário qualificado ou de dirigente político o que cinde os elos viciosos de reprodução da elite. Ou seja, a escola unitária transpõe a dualidade entre conhecimento teórico e conhecimento prático que marca a organização escolar ocidental desde a sua gestação.

### **Introdução**

As ações concretas refletem um indivíduo que exerce suas práticas em um contexto de relações dele com outros indivíduos e dele com a natureza visando a obtenção de determinados fins. Os princípios que constituem a realidade não são uma 'teoria' historicamente pensada, mas um 'real aparente' que refrata parte dessa totalidade representada por grupos específicos e revelam diferentes modos de o homem orientar-se em sociedade.

Gramsci questionava o engessamento das instituições da classe operária – o partido e o sindicato que foram organizados no Estado burguês, portanto assumiram uma feição privada e contratual – em estruturar a auto-organização do trabalhador e, em concretizar essa proposta para a sua real emancipação. O desafio era imenso. Sobretudo porque existia na Itália, a presença de três fatores: a ascensão do fascismo; a permanência de resquícios feudais, além de o movimento operário não estar em condições efetivas para o desenvolvimento de instituições políticas e sociais. A

conjugação desses fatores transformou substancialmente as condições nas quais se desdobrariam a teoria e a prática do pensamento gramsciano.

## **Metodologia**

Como instrumento metodológico, a pesquisa está calcada em livros, periódicos e bases eletrônicas de dados. Esta produção se contextualiza a partir de um amplo levantamento bibliográfico que a situa frente às transformações pelas quais passava a sociedade italiana da época recuperando assim a complexidade das relações entre produção intelectual, práticas políticas e demais transformações históricas.

## **Discussão**

No decurso do processo do homem produzir a si mesmo elabora as condições de sua existência por meio das relações que firma com os outros homens, com a natureza e consigo mesmo. A exploração e degradação do trabalho humano impostas pelo modo de produção capitalista trouxeram para o trabalho o desafio de criar outras relações na esfera do cotidiano não só fabril, porém das demais instâncias da vida em sociedade. Porque o processo produtivo – mecânico e repetitivo em sua essência – fragiliza o compromisso político do trabalhador. A educação é, segundo Gramsci, básica e profundamente conservadora, ao passo que distende o mito de que educação e formação são pressupostos de toda ação, não transforma a ordem das coisas.

O homem nasce no seio da sociedade. Interioriza e ressignifica normas, valores e práticas necessárias à compreensão do mundo. O campo de experimentação da atividade prático-sensível são os grupos - família e escola - que realizam a mediação entre o indivíduo e as vivências sociais. Neles o indivíduo materializa os elementos da cotidianeidade responsáveis pela sua aderência aos valores permitindo ao mesmo tempo transformá-los. Pois: “... as ideias não brotam de outras ideias, que as filosofias não são criadoras de outras filosofias, mas que elas são expressões sempre renovadas do desenvolvimento histórico real. (Gramsci, 1972: 1134)

A sociedade ocidental capitalista apregoa os princípios disseminados pelos acontecimentos de 1789 na França. Porém, no estudo de uma de suas instituições fundamentais – a escola – a concretização desses princípios ocorre na dimensão formal, tão somente. Se ela, além de ainda não

ter se universalizado de fato, pelo menos nas nações de Terceiro Mundo, e mesmo naquelas que puderam eliminar o analfabetismo e proporcionar à totalidade de sua população uma educação básica, a escola perpetua as desigualdades sociais quando consideradas as origens sociais de seu aluno. A grande maioria caminha para os cursos técnico-profissionalizantes ou para as ocupações manuais não especializadas enquanto uma pequena parte que dispõe do poder econômico caminha para os estudos superiores.

Malgrado a Revolução Francesa transformar em estandarte a democratização do ensino básico, esse princípio ecoará após a Revolução Industrial quando a indústria nascente requeria a necessidade da formação de mão-de-obra especializada. De um lado, para os liberais, esse princípio devia ir ao encontro e responder pelo aumento da produtividade, por outro, os socialistas vêem no ensino formal o baluarte para a construção da hegemonia da classe trabalhadora. Ou seja, uma educação calcada na idéia da escola unitária acessível a todos independentemente da classe social.

No capitalismo há a contradição central do trabalho já que, de um lado, existe o aspecto de sua *positividade* traduzida na possibilidade de o trabalho coletivo libertar o homem das agruras naturais, de cunho biológico, ao produzir as condições materiais de subsistência em larga escala e, de outro, o aspecto de sua *negatividade* ao passo que a própria materialidade do modo de produção capitalista não tem por meta socializar os frutos do trabalho humano, mas sim visa ao acúmulo de capitais e a perpetuação do sistema que a gera. A indústria moderna, baseada na racionalização produtiva requer a geração de “um novo tipo de trabalhador e homem” que não apenas físico, mas também moral.

Para a adaptação do homem ao *modus vivendi* moderno era necessário um novo intelectualismo. O ponto de partida é a escola única do trabalho, porém não aquela de feição elitista. Ela deve vincular-se aos interesses da classe subalterna e ser movida por um tipo de intelectual desgarrado dos interesses da classe dominante. A educação no seio da sociedade moderna cumpre pelo menos três propósitos básicos: referencia a sua organização aos novos critérios internacionais de produtividade; identifica a atividade de trabalho com a organização empresarial e estrutura mudanças organizacionais em virtude do regime da produção flexível e integrado. Nesse sentido afirma (Souza Júnior, 1994: 36):

O novo modelo é flexível. A tecnologia de base microeletrônica possibilita a flexibilidade na implantação dos novos sistemas estruturas de organização do traba-

lho. São flexíveis os equipamentos e também o processo de trabalho. O princípio da flexibilidade afeta a própria concepção de trabalho qualificado: este perde seu sentido técnico de habilidade requerida para o desempenho de uma função, relacionada geralmente à experiência acumulada, ganhando uma conotação mais propriamente comportamental, relacionada à versatilidade, à mudança nos hábitos pessoais e de trabalho que procuram conformar e ajustar a força de trabalho às exigências de flexibilização.

O desenvolvimento da microeletrônica figura hoje enquanto elemento de controle social, onde o trabalhador – flexível e com alto grau de abstração – necessita adaptar-se à realidade tecnológica que exige, entre outros atributos, o manuseio do computador, a capacidade de efetuar funções de modo ágil e o domínio de códigos linguísticos. A base de todo esse processo é destacada por (Marx, 1998: 419), n’O Capital, Livro I, quando afirma: “Excetuando-se aspectos acessórios, só existe mudança de forma quando sobrevém uma revolução nos instrumentos de trabalho”. A lógica operacional e lucrativa exige renovação constante das aptidões e dos conhecimentos. Ao invés de desenvolver no homem suas potencialidades reais, as inovações tecnológicas produzem a subordinação do trabalhador ao capital, mas não sem resistências, que abarca a sua mente e o seu corpo por meio da captação da subjetividade e do disciplinamento psicofísico estudado por Gramsci (1978b). A estreita vinculação entre as competências requeridas e a subordinação da educação formal aos ditames do capital articuladas ao uso de estratégias psicológicas marca o setor produtivo requerendo um tipo de trabalhador cada vez mais qualificado. Há nisso, a necessidade de identificar quais as competências e os perfis desejados a fim de atender as demandas do capital. É um processo de mão dupla: do mesmo modo que a educação contribui para o avanço do capital, este, por sua vez, transforma o ambiente escolar.

(...) a organização do trabalho, sob o capital, obedece a uma lógica que se caracteriza pela constituição, cada vez mais desenvolvida, do *trabalhador coletivo*, entendido enquanto somatório de inúmeros trabalhadores parciais (ou seja, trabalhadores que realizam apenas uma parcela das atividades que compõem o processo integral de produção de um dado produto). (Klein, 2003: 21, grifos do autor).

No bojo das relações societárias determinadas pelo modo de produção que o homem se faz homem enquanto determinado e determinante dessas mesmas relações sendo o único que estrutura sua ação ante a sua execução a partir de certos propósitos, a escola articula subjetividade e objetivação, entendidas não como duas esferas contrárias, mas como relações dialéticas que estabelecem o objeto enquanto fruto da atividade subjetiva. (Rodrigues, 2000: 50-51).

O sistema escolar italiano era voltado ao ensino humanista para a burguesia – expresso na tríade ginásio-liceu-universidade – a fim de preencher os escalões da administração pública do Estado liberal ou então, enfatizava o ensino técnico destinado ao trabalhador. Assim, “para a classe operária, o Estado burguês organizou um tipo particular de escola: a escola popular e a escola profissional, voltadas a manter a divisão de classe e a fazer com que o filho de operário seja ele também um operário”. (Gramsci, 1978a: 60, tradução nossa). A proposta era gestar uma escola unitária que anelasse o ensino humanista ao conhecimento técnico-científico. A análise gramsciana da escola e do ensino salienta o teor epistemológico da prática cotidiana ao valorizar o conhecimento que floresce da prática reflexiva desafiando os intelectuais não somente a conhecerem os processos já existentes, mas também a buscarem respostas às novas problemáticas por meio da construção de saberes.

A luta permanente do trabalhador para assegurar a cultura e para se apropriar do saber fortalecia sua autonomia face ao poder dos intelectuais da classe dominante criando o desenvolvimento de uma nova cultura que fizesse frente à ofensiva do capital. Desse modo ressalta Gramsci (1978a: 49, tradução nossa): “(...) somos uma organização de luta, e nas nossas filas se estuda para crescer, para aprimorar a capacidade de luta de cada um e de toda a organização para compreender melhor quais são as posições do inimigo e as nossas, para adaptar melhor as nossas ações de cada dia”. O partido político, no pensamento gramsciano, manifesta as inquietações e as reivindicações dos seus adeptos e das demais esferas da sociedade capitalista e burguesa. Nele se potencializa as faculdades de lideranças e correligionários, de forma que as atividades prática e de formulação teórica sejam fertilizadas. Porque o partido político é:

(...) a primeira célula na qual se aglomeram germes de vontade coletiva que tendem a se tornar universais e totais (...) É preciso também definir a vontade coletiva e a vontade política em geral no sentido moderno; a vontade como consciência atuante da necessidade histórica, como protagonista de um drama histórico real e efetivo (...) A formação de uma vontade coletiva nacional-popular é impossível se

as grandes massas dos camponeses cultivadores não irrompem simultaneamente na vida política. (Gramsci, 1978b: 6-7).

O princípio educativo defendido por Gramsci adquire vigor mediante a conjugação das relações teórica e prática; da organização científica do trabalho manual e do trabalho conceptual. Esse processo deve ser desenvolvido por intelectuais e difundido pelos canais culturais de divulgação tais como: escola; jornais; os escritores de arte e os populares; o teatro e o cinema sonoro; o rádio; as reuniões públicas de todos os gêneros; as relações de 'conversação' entre os vários extratos da população; os dialetos locais. Para Gramsci (1973: v. I: 189, tradução nossa): “Formou-se uma hierarquia espiritual e intelectual, e a educação intercambiável opera onde não pode chegar a atividade dos escritores e propagandistas. Nos círculos, nas conversações diante das oficinas é esmiuçada e propagada, tornada permeável a todos os cérebros, a todas as culturas, a palavra da crítica socialista”. Além disso, destaca o cariz intelectual do trabalho ao afirmar:

Não existe trabalho puramente físico (...) em qualquer trabalho físico, mesmo no mecânico e degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, isto é, um mínimo de atividade intelectual criadora. Não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*. Em suma, todo homem fora de sua profissão desenvolve uma atividade intelectual, qualquer que seja; é um filósofo, um artista, um homem de gosto; participa de uma concepção de mundo; possui uma linha consciente de conduta, contribui, assim, para manter ou modificar uma concepção de mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar. (Gramsci, 1989: 7-8).

O trabalho humano assume duas dimensões: de trabalho manual ou instrumental e de trabalho intelectual. Não há atividade humana na qual se possa prescindir de todo e qualquer esforço físico, assim como não há atividade manual que não envolva algum tipo de atividade intelectual. O pensador italiano estabelece uma importante distinção entre todos os homens (intelectuais) e aqueles que na sociedade desempenham a função de intelectual. Dentre esses últimos há dois tipos: os tradicionais – administradores, cientistas, filósofos, eclesiásticos etc. - cuja existência está baseada na eloquência e, há o novo tipo de intelectual, o orgânico que não mais será marcado pela

eloquência e pelo distanciamento do mundo do trabalho físico, já que passa a “imiscuir-se ativamente na vida prática como construtor, organizador, pensador permanente”. (Gramsci, 1989: 9).

(...) combinando o ensino intelectual com o trabalho físico, articulando teoria e prática, através de uma formação politécnica que compense os inconvenientes da divisão do trabalho e que impedem ao trabalhador dominar o conteúdo e os princípios que regem seu trabalho e sua forma de existir. (Marx; Engels, 1978: 285-286).

Diante das condições de exploração em que vive a classe operária esta não tem acesso às ferramentas teórico-metodológicas que lhe facultem a produção do saber capaz de superar sua situação de classe, porque o domínio dessas mesmas ferramentas é um dos dispositivos através do qual a classe dominante garante sua condição de dominação, aquela não formula o mesmo grau de sistematização e complexidade permanecendo naquilo que Gramsci define como senso comum. O senso comum é um tipo de saber peculiar a certa época e ambiente marcado pelo pensamento genérico compreendendo formulações difusas e esparsas. Nele: “(...) o homem atua praticamente, mas não tem uma clara consciência teórica desta sua ação, que, não obstante, é um conhecimento do mundo na medida em que o transforma”. (Gramsci, 1989: 18).

Ao passo que intensifica suas experiências políticas cotidianas – organização dos Conselhos de Fábrica, direção da revista de cultura socialista *L'Ordine Nuovo*, direção do Partido Comunista da Itália – vai compreendendo de modo mais amplo os conceitos de cultura e de homem bem como seus alcances. Assim, camponeses e operários deixam de ser receptáculos passivos da cultura porque ela não mais representa algo exclusivamente sistematizado por um grupo de intelectuais que a distribui para as camadas populares de cima para baixo. A opção gramsciana é – ainda que o homem não tenha tido o privilégio de se instruir nos bancos escolares tradicionais – valorizar seus conhecimentos, sua criatividade e praticidade muito presentes em seu dia a dia.

Todos esses valores são parte constitutiva e fundamental de seu projeto político-cultural de formação do sujeito a ser transmitido às futuras gerações. Não obstante, a base da formação humanista – calcada no ideal de homem culto – instruído no grego, no latim, nas humanidades em largo sentido tornou-se impermeável aos anseios da população, sobretudo no que se refere ao trabalho produtivo que permaneceu apartado da vida intelectual. O autor napolitano Benedetto Croce



(1866-1952) é uma importante referência analítica para Gramsci. Àquele distante dos círculos universitários endereça fortes críticas ao positivismo e academicismo latentes nas Universidades italianas.

A partir dessas considerações, segundo Gramsci, o homem transforma a si mesmo, ao passo que modifica o universo das relações societárias no qual está inserido. Há implícito o compromisso político com a formação integral do homem que reflete, acerca de si mesmo e acerca da sociedade. Nesse processo imprime mudanças profundas a fim de que ela seja efetivamente humana. No pensamento de Marx, a indissociabilidade entre teoria e ação na práxis humana funda-se na concepção de que, contrariamente ao ser natural, o mundo dos homens é um construto. Por meio do acúmulo crítico de experiências e conhecimentos a individualidade abarca determinações essenciais que permitem relações com a totalidade social vincada pela capacidade de apreender o real. Se Gramsci – seguindo a argumentação marxiana – afirma que a educação relaciona-se diretamente ao processo de acumulação capitalista, a educação calcada na participação e compromisso políticos da sociedade poderá conduzir ao aprimoramento humano, sobretudo nas suas dimensões moral e ética. Aqui, o intelectual italiano vai além das idéias marxianas sobre educação.

## **Resultados**

O aprofundamento nas questões referentes às atitudes da classe operária e de sua fragilidade política diante do fascismo requer investidas no terreno da modernidade, da racionalização das massas e dos papéis desempenhados pelos símbolos. Isso porque a crescente racionalização do trabalho nas fábricas a partir dos anos 20 suscitou: perspectivas de melhora individual e social; o desenvolvimento de um imaginário consumista ao alcance de parte da classe operária e o desenvolvimento dos veículos de comunicação como o rádio sobretudo, e a embrionária televisão. A experiência política cotidiana demonstrou que a educação do trabalhador dependia muito mais de suas próprias forças organizativas do que do partido político ou sindicato, porque dispunha de uma bagagem específica já que participava ativamente do processo produtivo. A atividade qualificada deveria se atrelar ao conhecimento de cultura científica e humanista para gerir o processo na fábrica moderna e a riqueza social dele derivado; além disso, administrar o Estado socialista e operário. No curso de auto-educação coletiva e solidária o trabalhador geraria seus educadores orgânicos que promoveriam “um contínuo desenvolvimento de cada um e que tal desenvolvimento seja contínuo e sistemático”. (Gramsci, 1978a: 50, tradução nossa).

A escola burocrática, classista e antidemocrática, estava fadada a perpetuar “uma determinada função tradicional, diretiva ou instrumental” mantendo a velha e rígida divisão do trabalho e reproduzindo as discriminações sociais. A vida moderna e produtiva pressupõe a multiplicidade de aptidões e talentos. Para Gramsci, a formação integral da personalidade só se potencializa através da incursão do jovem no universo de múltiplas experiências o que o conduz aos estudos posteriores quanto para a profissão, porque de nenhum ofício retira-se conteúdos e exigências intelectuais e culturais.

Da escola unitária emerge o cidadão integral, participante e cômico da sua atuação, de seus direitos e deveres, na esfera da sociedade. Sua atuação contribui substancialmente para a solução dos problemas advindos da organização produtiva. A escola unitária é convocada para desempenhar um papel mais amplo que combina a educação humanista tradicional com a educação técnica potencializando o indivíduo para o exercício efetivo de qualquer função, seja ela de operário qualificado ou de dirigente político o que cinde os elos viciosos de reprodução da elite. Por tudo isso, a escola unitária transpõe a dualidade entre conhecimento teórico e conhecimento prático que marca a organização escolar ocidental desde a sua gestação.

### **Referências bibliográficas**

GRAMSCI, Antonio (1971), *El materialismo histórico y la filosofía de Benedetto Croce*, Nueva Vision, Buenos Aires.

\_\_\_\_\_. (1972), *Scritti politici*, Riunit, Roma. 3v.

\_\_\_\_\_. (1978a), *La costruzione del partido comunista (1921-1926)*, Einaudi, Turim.

\_\_\_\_\_. (1978b), *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*. 3. ed., Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. (1989), *Os intelectuais e a organização da cultura*. 7. ed., Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

KLEIN, Ligia Regina (2003), “Trabalho, educação e linguagem”, *Educar em Revista*, v. 1, edição especial, Curitiba, pp. 15-42.

MARX, Karl (1998), *O Capital, Livro I*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. Crítica do Programa de Gotha. Disponível em:

<<http://www.marxists.org/portugues/marx/1875/gotha/index.htm>>. Acesso em: 10/10/2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich (1978), *Crítica da Educação e do Ensino*, Moraes, Lisboa.

RODRIGUES, Alberto Tosi (2000), “Sociedade, Educação e Emancipação”, In:\_\_\_\_\_. *Sociologia da Educação*, DP&A, Rio de Janeiro, pp. 35-57.

SOUZA JÚNIOR, Hilário (1994), *Controle da qualidade total: uma nova pedagogia do capital*, Movimento de Cultura Marxista, Belo Horizonte.